

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTES : JB

CLASS. : Amaz. / Rec. Ext.

DATA : 2 6 89

PG. : 7

03

BID tem US\$ 22 bilhões para desenvolvimento com ecologia

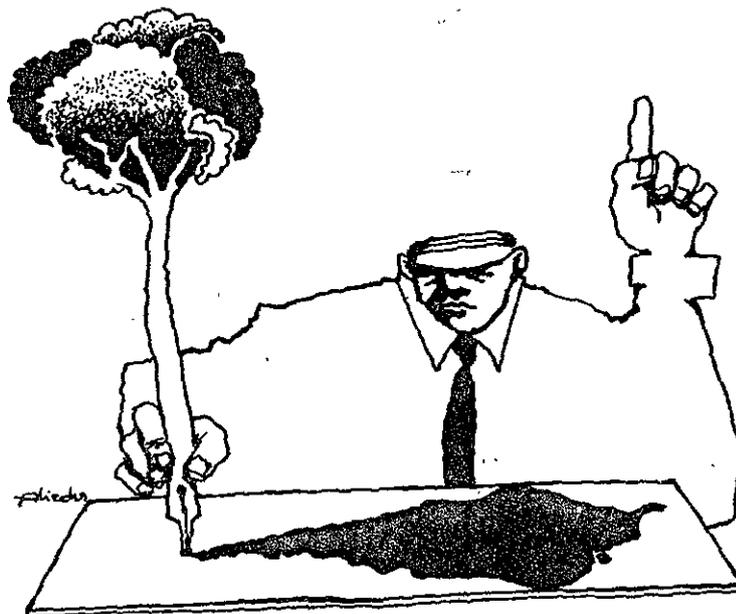
Aliado

Ricardo Arnt

WASHINGTON — O Banco Interamericano de Desenvolvimento se propõe a mobilizar recursos financeiros de vulto para promover o desenvolvimento adequado ao meio ambiente na América Latina. Com o aumento do seu capital de US\$ 34 bilhões para US\$ 60 bilhões, decidido em março passado, US\$ 22 bilhões estarão disponíveis para financiar projetos no continente, em 1990-1991. O BID vai promover o fortalecimento das instituições ambientais estatais e a participação das organizações não-governamentais nos projetos. As chamadas Ongs poderão, até, serem contratadas pelo Banco para a realização de programas específicos. Para os grupos que se projetaram com a crítica aos empreendimentos do Banco, a virada é completa.

—Cerca de 100 representantes de entidades não-governamentais e 70 de órgãos públicos dos países latino-americanos participaram da 2ª Reunião Consultiva sobre Meio Ambiente do BID, de 24 a 26 de maio. O Banco levou a Washington alguns dos principais quadros ambientais do continente para dar uma demonstração de empenho no que o presidente Francisco Iglesias chama de "um novo despertar da consciência ecológica na comunidade internacional". Do Brasil, além do presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, compareceram: Maria Tereza Jorge Pádua (Funatura); João Mendes Filho (SOS Mata Atlântica); Mauro Antônio de Moraes Victor (Oikos); e Mary Alegretti (Instituto de Estudos Amazônicos).

O BID quer tratar a questão ambiental sem improviso. Os governos e as políticas ambientais dos países latino-americanos mudam, mas o banco vai continuar a ser a maior agência promotora do desenvolvimento na América Latina. As críticas ao impacto ambiental de projetos anteriores sustentados pela instituição sensibilizaram-na — especialmente depois que o Comitê de Apropriações do Senado dos EUA, que controla, indiretamente, 34% do seu capital, ameaçou retirar apoio aos ambientalistas como transformou-se em um instrumento de sua difusão, pres-



sionando a tecnocracia dos governos latino-americanos à indigesta escuta das reivindicações das organizações não-governamentais, que, por sua vez, nem sempre primam pela ponderação.

“As populações locais mais afetadas pelos projetos e os beneficiários do desenvolvimento devem ter uma voz ativa em decisões que afetarão suas vidas. O desenvolvimento bem sucedido deve ser participativo. Esse princípio ganha sentido no nosso hemisfério na medida em que os ventos da democracia sopram fortes”, disse o vice-presidente executivo do Banco, James Conrow. O BID sabe que a adequação do desenvolvimento ao meio ambiente e às demandas sociais está apenas começando na América Latina.

Entretanto, a crise econômica acelera a degradação ambiental e impede a alocação de recursos para a preservação. Antonio Thomén, diretor da Comissão Nacional para o Meio Ambiente da República Dominicana, propôs, a propósito, rediscutir o próprio conceito de desenvolvimento do banco, observando: “Não somos mais países em vias de desenvolvimento; somos países em vias de extinção”.

A capacidade do Banco para orientar o processo de investimentos na Améri-

ca Latina está devidamente registrada por Ongs e Ogs. Tanto as entidades públicas quanto as alternativas esperam, ávidas, os recursos prometidos para o desenvolvimento e o “fortalecimento institucional”. Winston Anderson, do Planning Institute of Jamaica, revelou, com candor, um pouco das expectativas ao esclarecer: “Nós não queremos empréstimos; queremos doações”. Foram raras as organizações não-governamentais presentes que se lembraram que a cooptação por programas financiados pelo banco poderia prejudicar sua representatividade junto à sociedade civil.

O primeiro resultado concreto da reunião, além da promessa do presidente Iglesias de criação de um fundo especial para o meio ambiente no Banco, é a decisão de organizar bancos de dados ambientais, abertos à consulta pública, em todas as 27 missões do BID na América Latina e na Europa. A sugestão, feita por Alicia Ibarra, do grupo mexicano Cultura Ecológica, abre acesso a informações preciosas. O BID não só dispõe de todos os dados econômicos, sociais e geográficos oficiais de cada país, como elabora seus próprios relatórios e estudos, não raro mais acurados e profundos. Brevemente, a missão do banco, em Brasília, deverá estar aberta aos interessados.